



ENTRE OS CINCO E OS DEZ ANOS CULTIVEI HISTÓRIAS DE UMA CIDADE IMAGINADA. UM LUGAR DESENHADO NA MEMÓRIA A PARTIR DAS PALAVRAS DE JUSCELINO, DOS DESENHOS DOS ARQUITETOS E DOS PLANOS DO MEU PAI.



**FUTURO PRESTES A ACONTECER** Conheci Brasília muito antes de chegar à cidade. Tinha cinco anos quando acompanhei, através de recortes de revistas e jornais, os primeiros movimentos de terra, as maquetes de Oscar Niemeyer e o plano de Lúcio Costa. Foi meu pai, com seu imenso entusiasmo, quem apresentou, a mim e aos meus irmãos, a cidade modernista onde iríamos morar. A cada semana tinha uma novidade extraída das páginas da revista O Cruzeiro e do jornal O Estado de Minas. Recortes cuidadosamente colados num álbum que ia contando a história de um futuro prestes a acontecer. Metáforas da modernidade. Representações de liberdade. Imagens de um novo tempo que povoavam os sonhos daquelas crianças que viviam em Lavras, ao sul de Minas Gerais.

**CIDADE IMAGINADA** Entre os cinco e os dez anos, cultivei histórias de uma cidade imaginada. Um lugar desenhado na memória a partir das palavras de Juscelino, dos desenhos dos arquitetos e dos planos do meu pai. São retratos de um tempo distante, emoções em forma de imagens e palavras. Uma utopia construída de sonhos e desejos. Um lugar tão perfeito quanto pode a mente de uma criança. Foram cinco anos interpretando as ideias de modernidade, liberdade, desenvolvimento, futuro, confiança, trabalho, arquitetura, beleza, obra e pó. Palavras que faziam parte do repertório de leituras e conversas na sala de estar.

**A CIDADE ESTÁ VOANDO!** Nem toda imaginação foi capaz de conter o impacto da visão real da cidade. Era agosto de 1962 quando o carro que nos trazia de Minas parou na estrada, perto do Catetinho. Diante da imensidão do Planalto Central e sob o impacto da luz do fim de um dia de seca, avistamos os primeiros contornos da Esplanada dos Ministérios. A distância e o calor esfumaçavam os edifícios que pareciam flutuar. Emocionada, gritei: a cidade está voando! A cidade está voando!

**UMA AVENIDA AMPLA E DIGNA** Tinha dez anos quando atravessei, pela primeira vez, o Eixo Monumental. Uma avenida ampla e digna como o futuro idealizado. Um espaço tão espetacular que exigia silêncio. Apenas os olhos se mexiam tentando registrar as “te-sourinhas”, as entrequadras, ainda vazias, os poucos blocos erguidos no barro das Superquadras. Tudo era silêncio, solidão e beleza. Paramos na plataforma da Rodoviária para ver de perto a Esplanada. Constatei a imensidão do espaço e a realidade dos edifícios. Eram idênticos aos retratos da revista.

**ERA NOVO. ISSO BASTAVA** Saímos de uma casa em Lavras para morar em um bloco da SQS 106. Uma experiência tão surpreendente que não dava para saber se era bom ou ruim. Era novo, e isso bastava. Visitamos o comércio local. As lojas eram voltadas para

ESSE TEXTO É UMA DECLARAÇÃO DE AMOR A BRÁSÍLIA E AO SONHO MODERNISTA.



dentro da quadra. Foram planejadas para atender às necessidades dos moradores sem precisar atravessar a rua. Quanta sabedoria, pensei! A escola que eu e meu irmão mais novo iríamos frequentar era em frente ao bloco. Bastava tocar o sino e nós descíamos o elevador. Em segundos já estávamos no pátio, prontos para entrar na sala de aula.

**CLARO E AMPLO** E que salas de aula! Eram novas, com imensos janelões. Algumas davam para um jardim. As carteiras eram de fórmica cinza e individuais e as cadeiras, muito confortáveis. Tudo era lindo, novo, claro e amplo. Muito diferente de Lavras, com suas construções pesadas e escuras e suas carteiras de madeira velha, com banco acoplado, onde sentávamos aos pares, sem a menor privacidade.

**ESCOLA PARQUE** A grande novidade foi a Escola Parque. Um lugar feito para as crianças aprenderem arte. Isso sim era o supra-sumo da modernidade. Éramos convidados a escolher as atividades extracurriculares que queríamos desenvolver. Semestralmente, montávamos nossa agenda com aulas que poderiam ser de desenho, teatro, dança, música, tecelagem, escultura e pintura. Cinco dias na semana íamos pela manhã, à Escola Classe, aprender o currículo formal. No período da tarde, íamos para a Escola Parque desenvolver nossas sensibilidades, talentos e criatividade.

**ANÍSIO TEIXEIRA** Tive a alegria de frequentar a Escola Parque por três semestres. Três temporadas que valeram por uma existência, tamanha a sabedoria deste projeto educacional planejado pelo genial Anísio Teixeira. Semestralmente, escolhíamos quatro atividades que eram cursadas com o rigor de uma escola e desenvolvidas com o talento e sensibilidade de professores artistas. No final de cada semestre eram feitas exposições com os trabalhos desenvolvidos em sala de aula. No teatro da escola, com direito a iluminação e música, podíamos encenar as peças que escrevíamos ou dançar as coreografias planejadas e ensaiadas. Pais, filhos e professores participavam desta confraternização solidária. Éramos todos artistas e público ao mesmo tempo.

**TINTAS DOS SONHOS** Esta Brasília que experimentei e vivi talvez seja o melhor retrato da utopia modernista. Um tempo perdido na memória. Uma história carregada de vida e emoção. Um sonho que escorregou e caiu com os anos de crescimento desnordeado. Um projeto que não seguiu o plano. Uma utopia desfigurada pela ambição de alguns e o desrespeito de outros. Aos 50 anos, Brasília precisa reencontrar seu eixo, buscar sua verdadeira história e escrever os próximos 50 anos com as tintas dos sonhos que os legítimos pioneiros desenharam para nós.

É TAMBÉM UMA HOMENAGEM À VISÃO E À DIGNIDADE DOS MEUS PAIS, CLÉO E WILMA, QUE ACREDITARAM E AMARAM BRÁSÍLIA DESDE 1957.

